

Cuidando da saúde mental e espiritual do pastor: uma abordagem a respeito da necessidade do aconselhamento pastoral direcionado a pastores da Igreja Evangélica Assembléia de Deus

Pesquisador: Paulo Ramos dos Santos

Orientador: Dr. Zenon Lotufo Jr.

Faculdade Teológica Batista de São Paulo

Departamento de Pós-graduação: Lato Sensu em Aconselhamento

Eixo Temático: Ministério

Categoria: Comunicação Oral

RESUMO

O pastor da Igreja Evangélica Assembléia de Deus é geralmente uma pessoa-chave em sua comunidade. Sua presença é requerida em todas as ocasiões e eventos, sejam de celebração, consolo ou de aconselhamento. Pesa-lhe ainda o encargo da administração material e organizacional da igreja. Suas atribuições também envolvem tomadas de decisões que podem ir desde a cor do prédio até a aplicação de disciplinas a fiéis. Logo, ele lida com o *temporal* e o *eterno*, geralmente sob tensão emocional. O *temporal* requer administração de conflitos provenientes de visões e desejos diferentes entre seus pares e seu rebanho. O *eterno* exige fortes reflexões, que podem remeter a um sentimento de culpa por uma decisão equivocada. Este trabalho pretende verificar se pastores dessa denominação evangélica procuram ajuda de profissionais da área de aconselhamento para a solução de conflitos mentais e espirituais de seu próprio *eu*. A investigação foi de natureza exploratória, através do emprego de pesquisa bibliográfica e de pesquisa de campo. Os resultados apontam que tais pastores são carentes de cuidados, principalmente no campo emocional. Apontam ainda, que eles não procuram ajuda por falta de um programa estruturado voltado especificamente para aconselhamento a pastores.

Palavras-chave: aconselhamento pastoral a pastores, transtornos mentais no exercício do ministério pastoral, saúde mental e espiritual do pastor.

INTRODUÇÃO

A Igreja Evangélica Assembléia de Deus brasileira é uma entidade culturalmente *pastorcêntrica*. Como tal, o pastor é investido de responsabilidade e autoridade sem igual entre o rebanho. Possivelmente pouco ou nada se sabe (ou se pode saber) sobre o *ser* que está atrás dessa investidura. Demonstração de cansaço, queixa, debilidade física e

emocional, podem ser interpretadas como uma sinalização de fracasso diante do rebanho. Mas o líder – acreditam tanto o pastor quanto os pastoreados – tem que ser forte, assim como forte é Aquele que o vocacionou. Essa expectativa pode acabar mascarando a necessidade de oferecimento de ajuda àquele que é tão humano quanto foi seu Mestre enquanto Verbo encarnado, e que sempre se preocupou com a saúde das gentes.

Objetivo: Este trabalho tem por objetivo verificar se pastores da Igreja Evangélica Assembléia de Deus na grande São Paulo procuram aconselhar-se com profissionais da área do Aconselhamento, quando feridos pelas pressões da função.

Justificativa: estima-se que a Assembléia de Deus brasileira possua um corpo pastoral da ordem de 50 mil ministros entre pastores e equivalentes. Estes ministros estão à frente de um rebanho estimado em 14 milhões de pessoas – entre membros e agregados (OPERATION WORLD, 2001). Considerando a forte influência que esses ministros exercem sobre a sua comunidade religiosa, é de se esperar que a saúde mental e emocional dos fiéis dependa ao menos em parte da saúde desses líderes. Um pastor mental, emocional e espiritualmente sadio poderá diferenciar uma patologia de um desarranjo considerado de ordem espiritual. Portanto, não se pode deixar de considerar esse colegiado como um corpo importante no contexto social brasileiro na área da saúde mental e, no contexto evangélico, na área da saúde mental e espiritual dos crentes.

Metodologia: a pesquisa foi exploratória, através de pesquisa bibliográfica e de pesquisa de campo. A pesquisa de campo deu-se por meio de entrevistas com pastores da referida denominação, dirigentes de igrejas na grande São Paulo. A coleta de dados foi por meio de respostas dadas a um questionário semi-estruturado de múltipla escolha.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para a fundamentação teórica deste trabalho foram delimitadas quatro abordagens sobre os problemas vivenciados no exercício do ministério pastoral. A seguir apresentam-se esses problemas levando em conta as abordagens de um psiquiatra, de um psicólogo, de um pós-graduando em doutoramento em teologia pastoral, e por último a abordagem de um pastor-psicólogo-terapeuta.

O MINISTÉRIO PASTORAL NA ABORDAGEM DE UM PSQUIATRA

De acordo com o psiquiatra Lotufo Neto (1997), trabalhos de certa forma pertinentes ao tema em questão foram elaborados nos Estados Unidos e Europa. A seguir citam-se resumidamente alguns trabalhos entre outros reportados por esse pesquisador:

MOORE (1936), um bispo católico e psiquiatra quis conhecer a saúde mental de clérigos e religiosos a partir de pesquisas realizadas nos sanatórios e asilos católicos e não-católicos dos Estados Unidos. Observou-se a incidência – sempre em número maior que a da população internada – de demência precoce e comportamento maniaco-depressivo entre as freiras; alcoolismo, psicose maniaco-depressiva e paranóia entre os sacerdotes.

MORGAN (1958) observou, entre ministros internados nos hospitais públicos norte-americanos, casos de reação psicótica involutiva, esquizofrenia, depressão agitada, reação maniaco-depressiva, distúrbios de personalidade e alcoolismo, entre outros. LA BORIA (1958) constatou que 70% dos 446 sacerdotes que receberam atendimento em um hospital psiquiátrico de Brescia (Itália) apresentaram sintomas de fobia obsessiva.

REDIGER (1990), em sua experiência de aconselhamento a ministros, contabiliza casos de pedofilia, estupro, travestismo.

BLIZZARD (1956) ao entrevistar 690 ministros protestantes, identificou sinais de estresse oriundos de carga excessiva de trabalho, descontentamento com trabalhos administrativos, e pressão proveniente dos desejos e expectativas das pessoas da igreja.

BLAIN (1958) faz uma extensa lista dos fatores de estresse na vida dos pastores. Em síntese: desprestígio do ofício, falta de privacidade, problemas de relacionamento com os superiores, apelos constantes de ajuda por parte da comunidade, acúmulo de funções por competência (quanto mais competente, mais requisitado) e conseqüente cansaço, perda de energia e irritação.

HOWE (1958) associa estresse à falta de preparo do ministro para lidar com as questões da vida dos fiéis. O preparo se limita ao ensino teológico. JOHNSON (1970) identifica os riscos emocionais para os ministros: crise de identidade, perfeccionismo, complexo de prioridade, complexo de mártir, sensação de não pertencer (sensação de isolamento).

No Brasil, Lotufo Neto (1997, p. 239-257) estudou a *prevalência de transtornos mentais* entre ministros religiosos não católicos residentes na cidade de São Paulo. A amostra dos ministros que responderam ao questionário compôs-se de 207 sujeitos assim distribuídos: 87 batistas, 52 presbiterianos, 19 metodistas, 6 da Assembléia de Deus e 43 de outras igrejas

O trabalho do Dr. Lotufo Neto teve por objetivo estudar a prevalência

de transtornos mentais nesses ministros, “verificando sua correlação com orientação religiosa, e os fatores de estresse da vida pastoral.” (p. 239) Partindo deste objetivo, esse psiquiatra fez uma criteriosa revisão da literatura a respeito do tema, e observou entre outras constatações que “os clérigos estão sujeitos a um perfil de fatores estressantes peculiar, que inclui exigência de vida sem falhas, disponibilidade constante, sobrecarga de trabalho, mediação freqüente de conflitos e pouco reconhecimento social e financeiro do seu trabalho”. (p. 240) Os indivíduos que responderam o questionário tinham idade média de 44,7 anos (68,6% entre 30 e 60 anos). As respostas indicaram que 22% apresentavam sintomas psiquiátricos no período da pesquisa (estado atual); 68% já haviam apresentado antes (durante a vida antes), e 73% ao longo da vida (durante a vida toda). Dentre os 207 ministros religiosos que responderam ao questionário, 40 indivíduos foram aleatoriamente selecionados para uma entrevista mais aprofundada. A prevalência global de transtornos mentais entre os 40 ministros entrevistados (quando considerado o período todo da vida do ministro) foi de 47%, quando a prevalência entre a população de São Paulo é de 31% na média (homens e mulheres). “Depressão... foi o diagnóstico mais freqüente entre ministros religiosos (16,4%)” (p. 251) Dentre outras conclusões de Lotufo Neto (1997, p. 257), destaca-se aqui a seguinte: “Ministros religiosos cristãos não católicos residentes em São Paulo, têm uma prevalência aumentada de transtornos afetivos e ansiosos, e menor de abuso e dependência de álcool e drogas.”

O MINISTÉRIO PASTORAL NA ABORDAGEM DE UM PSICÓLOGO

A psicóloga Roseli M. Kühnrich de Oliveira (2007) teve a preocupação de olhar com cuidado a pessoa do pastor. A autora leva em conta a possibilidade de um pastor *ferir-se* no exercício do ministério, e observa com muita propriedade que os pastores (que também são cuidadores pastorais) assumem um relevante papel de cuidadores em meio a um “amplo sistema de saúde mental e comunitária, acessível e menos burocrático do que, em geral, são os órgãos governamentais”. (p.54) Neste contexto, a autora vê um enorme contingente de pessoas carregando fardos com os mais variados tipos de problemas, como que cumprindo a orientação do ditado popular: *vá se queixar ao bispo*. Oliveira (2007) pergunta então: “a quem o bispo deve se queixar?” (p.54) Desprezar essa curiosidade pode ser muito danoso, ao mascarar a possibilidade real de que os cuidadores pastorais poderão estar “enfaixando as próprias feridas”. (p.55) Oliveira (2007) aborda o que ela chama de as patologias que se apresentam como reverso do cuidado (*não-cuidado*). Assim, em sua

pesquisa¹, a autora procurou dar voz aos pastores, e constatou sintomas preocupantes em uma parte considerável dos entrevistados. Entre os dados, aparecem queixas como cansaço, desilusão, desânimo, irritabilidade constante, e até mesmo constatação de síndrome de *burnout* (exaustão ligada à função ocupacional). Isto nos remete à reflexão sobre as *patologias do cuidado*.

A autora cita três tipos de patologias do cuidado: a *negação*, a *obsessão* e o *descuido*". (p. 74) A negação do cuidado remete o cuidador à perda dos parâmetros e de limites normais ao corpo. O ritmo excessivamente ativista na tarefa pastoral pode levar a descuidos com alimentação, sono, lazer, descanso, privacidade, entre outros. Por sua vez, o cuidado excessivo (obsessão narcisista) pode levar o cuidador a perder-se "no enfoque entre o cuidado de si mesmo e do outro, passando a se proteger de tal forma que prejudica o seu exercício profissional e suas próprias relações". (p.75). Por outro lado, o exercício do ministério pastoral pode gerar um estresse positivo: *eustresse* – "o bom estresse, causando atividade, satisfação, alegria, cânticos, manifestações as mais variadas". (p.77) No entanto, Oliveira (2007) constatou sintomas de estresse patológico entre os pastores, que pode ser identificado pela palavra *distresse*. Utiliza-se esta palavra "quando há perdas, lesões, marcas, travamentos, verdadeiros 'apagões' da personalidade". Explica a autora que "assim como o eustresse emite sinais característicos de euforia, homeostase e bem-estar, o distresse também emite seus típicos sinais de alerta: cansaço prolongado, desmotivação e tristeza". (p.78) A autora constatou também entre os pastores pesquisados nítidos sintomas da síndrome de *Burnout* ², uma doença normalmente confundida com o estresse. Burnout – também denominado como a síndrome da desistência, de exaustão ou de consumição (p,80), é uma "doença ainda pouco conhecida que provoca esgotamento físico e mental e atinge profissionais que trabalham diretamente com situações de conflito, principalmente nas áreas de segurança, saúde e educação, e com pessoas em sofrimento". (p.81) Embora o componente da espiritualidade seja um elemento gerador de saúde, na vida do pastor "há muito desgaste em função das demandas constantes, tanto pessoais, quanto da família e comunidade, havendo uma correlação entre exaustão emocional, física e espiritual". (p.82) Uma cilada perigosa também deve ser levada em consideração: a idealização da figura do pastor pela comunidade de fiéis. Isto pode levar o pastor a dois extremos complicados: mostrar-se muito humano ou mostrar-se muito

¹ A autora elaborou uma entrevista através de um questionário entregue a um grupo de 38 pastores da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. O local e a data foram omitidos pela autora a fim de preservar o grupo.

² Definição de *burnout* e suas conseqüências são explicitadas mais adiante na abordagem de Silva (2006)

indiferente. Ao revelar-se humano, ele expõe as fraquezas típicas da humanidade, o que pode decepcionar suas ovelhas carentes de um protetor. Por outro lado, se optar por esconder suas emoções e fragilidades, isola-se e afasta-se do rebanho, podendo ser confundido como alguém que não se importa, um ser superior aos mortais. Em sua pesquisa sobre que imagem o povo crente tem de seus pastores, Oliveira (2007) percebeu que “as idealizações ocorrem em duas vias e que por vezes os pastores são induzidos a se comportar de acordo com as expectativas (ou do que pensam ser) da igreja” (p. 99).

O MINISTÉRIO PASTORAL NA ABORDAGEM DE UM DOUTORANDO EM TEOLOGIA PASTORAL

Silva (2006) assevera que o exercício da atividade pastoral é uma composição onde se mesclam bênçãos e agonias, sucessos e fracassos, vitórias e desafios. Com sua experiência de vinte anos como pastor e mais cinco como *pastor de pastores*, o autor constata que a má compreensão ou desconhecimento da igreja das pressões e exigências que pairam sobre a pessoa do pastor, como também a falta de conhecimento dos distúrbios emocionais e psicológicos aos quais o pastor está suscetível, tudo isso pode atuar como potencializador das dificuldades e dos desafios subjacentes ao exercício do ministério pastoral. Em sua pesquisa com pastores da cidade de São Paulo, Silva (2006) identificou entre eles o índice de incidência de *burnout* e os fatores que potencializam ou inibem esta incidência. A amostra compôs-se de 627 pastores de sete denominações evangélicas¹. De acordo com os dados coletados, Silva (2006, pp. 169, 187) apresentou cinco grupos de pastores e os diferentes graus (em porcentagem) de *burnout* por grupo: pastores sem *burnout* 17,5%; pastores com baixo risco de *burnout* 6,3%; pastores com médio risco de *burnout* 39,7%; pastores com alto risco de *burnout* 23,8%; pastores com *burnout* 12,7%. A partir destes dados, o autor constatou que 82,5% dos pastores pesquisados apresentavam algum sintoma de *burnout*. A pesquisa levou em conta dezenas de sintomas associados à síndrome de *burnout*. O autor divide os sintomas em três dimensões da síndrome: i) esgotamento emocional; ii) despersonalização; iii) falta de realização pessoal no trabalho. Dos 82,5% de pastores afetados, 46% apresentaram alteração em pelo menos uma das dimensões da síndrome, 23% em duas dimensões e 12,7% nas três dimensões.

Definição de *burnout*: O termo origina-se do idioma inglês e

¹ Os números de pastores entrevistados de acordo com a Tabela 7 p. 156 são: Igreja Batista: 303; Igreja Presbiteriana do Brasil: 101; Igreja Presbiteriana Independente do Brasil: 57; Igreja Metodista: 56; Igreja Adventista do Sétimo Dia: 87; Igreja Evangélica Luterana do Brasil: 6; Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil: 4.

transmite a idéia de “estar queimado”. Visto como “o índice de deslocamento entre o que as pessoas são e o que elas têm de fazer [o *burnout*] representa uma erosão dos valores, da dignidade, do espírito e da vontade – uma erosão da alma humana”. (p. 63) Do ponto de vista profissional, corresponde ao indivíduo que se sente desgastado, exaurido e desmotivado com seu trabalho. O estudo desta síndrome leva em conta o estresse ocupacional (pressão psicológica decorrente da função exercida pelo indivíduo) e o estresse institucional (pressão psicológica oriunda do local onde a função é exercida). Um e outro estão presentes naqueles profissionais que mantêm uma relação constante e direta com outras pessoas.

Causas do *burnout* pastoral: o *burnout* pastoral pode apresentar características próprias. É possível chamá-las de *estressores*¹ do exercício do ministério pastoral. São eles, entre outros: contatos excessivos com pessoas necessitadas; conflitos de papéis e esforços para agradar a congregação; conflitos da personalidade (perfeccionismo, introspecção, isolamentos, incapacidade de formar relacionamentos íntimos interpessoais); dúvidas sobre o chamado ministerial; sentimentos de haver sido abandonado por Deus quando os resultados de seus esforços parecem falhar; discrepâncias entre as expectativas pessoais, familiares e congregacionais; desequilíbrio entre as demandas do ministério e o tempo para cada tarefa; sensação de estar lutando sozinho (complexo de abandono); sensação de não estar vivendo à altura das próprias expectativas e das expectativas impostas pelos membros; cada membro da igreja é ao mesmo tempo cliente e chefe do pastor; o pastor entende que Deus espera muito dele; o pastor espera muito de si mesmo; a igreja espera muito do pastor.

Conseqüências do *burnout* para o pastor: o *burnout* no ministério pastoral é “um sentimento multifacetado de exaustão, que é sentido física, mental, emocional e espiritualmente” (p.64), Esse mal pode resultar em “uma perda progressiva de ambição, idealismo, energia, chamado e propósito; e em particular para o ministro, se o *burnout* não for eliminado, pode significar o início do fim da [idealização de um sonho, projeto ou] carreira”. (p. 64) O *burnout*, portanto, “tem sido a causa do abandono do ministério por parte de muitos”. (p. 65)

O MINISTÉRIO PASTORAL NA ABORDAGEM DE UM PASTOR-PSICÓLOGO-TERAPEUTA

Martins (2008) ressalta a figura do Terapeuta e do Líder Religioso.

¹ Silva (2006) utiliza a palavra “características” em lugar de estressores. Por sua vez, Lotufo Neto (1997) faz menção a “eventos estressores”, “estressores sociais” e “estressores psicossociais”.

Comenta que na Antiguidade, esses dois personagens, não eram duas pessoas. “Um mesmo indivíduo, homem ou mulher, exercia a função de guia espiritual/sacerdotal da comunidade e de conselheiro/solucionador de problemas das pessoas. Essas funções sempre foram complementares, irmãs gêmeas...” (p.141) No decorrer da história “o líder religioso cristão tem sido chamado de diversas maneiras: padre, pastor, sacerdote, diretor espiritual, evangelista, conselheiro, bispo, cura d’almas, mentor espiritual, clérigo, líder e outros designativos.” (p. 142) Em sua vivência como pastor, psicólogo e terapeuta, Martins (2008) afirma que cresce a cada dia o número de pastores com problemas “espirituais, emocionais e até físicos, problemas estes que não ficam somente com eles, mas terminam por atingir a família, a igreja local, ou a instituição em que o pastor trabalha, chegando ao âmbito da denominação”. (p. 144) A seguir, de acordo com Martins (2008) apontam-se alguns estressores que incidem sobre a pessoa do pastor:

Sentimento de culpa quando tira folga: O autor ressalta que é comum ouvir pastores que dizem sentir culpa ao estar de folga: “não são poucos os que se sentem obrigados a estar ocupados, ou, pelo menos atentos pelas 24 horas do dia, nos sete dias da semana.” (p. 146)

Tensões: Martins (2008) afirma que, por mais paradoxal que possa parecer, o exercício da *liderança espiritual* é um trabalho estafante e estressante. O autor classifica as comunidades religiosas de *vampirescas* onde “as necessidades pessoais muitas vezes são projetadas para a relação com o guia espiritual... e as pessoas esperam e cobram dele uma solução, ou pelo menos um alívio para tais necessidades” (p. 147) . Ele se refere a problemas pessoais, comuns ao cotidiano, tais como: dúvidas espirituais, conflitos no lar ou na comunidade, transtornos emocionais, doenças, inadimplência, educação de filhos. E acrescenta: “o guia espiritual, tenha ou não preparo, é solicitado a dar orientação. Essa orientação poderá, ou não, ser seguida. Com frequência o é, tornando o líder responsável pelo resultado da orientação dada, seja positivo ou negativo”. (p. 147)

Expressões de sentimentos: o autor afirma que é possível o líder apresentar resistências diante do terapeuta e, assim, ocultar sentimentos, fantasias, contradições, sonhos, entre outras coisas. É possível que isso se trate de um controle de defesa próprio da função, a fim de não se expor. Entretanto, ao reprimir seus sentimentos, o líder pode acumular amarguras que se voltam contra si mesmo.

RESULTADO DA PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo foi realizada com uma amostra composta de 11 pastores, do gênero masculino, com idades entre 30 a 55 anos,

dirigentes de congregações da Igreja Evangélica Assembléia de Deus situadas na Grande São Paulo. As entrevistas foram realizadas a partir da entrega de um questionário composto por oito perguntas e uma abertura a possíveis comentários.

De acordo com os dados coletados, a amostra compõe-se em sua maior parte de pastores com média experiência no exercício do ministério (3 a 6 anos). Apenas dois deles estão na função há mais de 10 anos. Todos os entrevistados exercem freqüentemente a atividade de aconselhamento aos membros de suas igrejas. Os assuntos trazidos pelos membros nas seções de aconselhamentos são majoritariamente problemas relacionados com as famílias desses membros. O segundo maior problema refere-se a assuntos emocionais e espirituais dos crentes, vindo em seguida reclamações dos membros contra os próprios pastores. A maioria dos entrevistados entende que o líder não deve demonstrar sua humanidade (fragilidade). No que tange ao tema *aconselhamento direcionado a pastores*, foram unânimes em afirmar que o pastor tem necessidade de receber orientação sistemática nas áreas principais da vida: pessoal, conjugal, familiar e ministerial. Quase a totalidade já sentiu vontade de desistir do ministério pastoral. Um terço diz ter sentido necessidade de consultar um conselheiro. A maioria já experimentou problema de insônia no transcorrer do pastorado. Irritabilidade com membros da igreja aparece como o segundo sentimento mais freqüente. Sentimento de culpa pelo não crescimento da igreja acomete quase metade desses pastores. Referente à saúde emocional e espiritual, 70% dos entrevistados apresenta preocupações na área cardiológica. Quarenta por cento afirma que desejaria consultar um psicólogo. Mais da metade já teve desejo de consultar um conselheiro. Foram quatro os comentários acrescentados por quatro entrevistados: i) é fundamental que haja pastoreio de pastores; ii) é necessário que os pastores gastem mais tempo juntos a fim de compartilhar experiências; iii) deve haver reunião periódica entre os dirigentes de igreja onde se pratique troca de experiência e mútuo aconselhamento; iv) um disse ter consultado um psiquiatra em decorrência de questões com familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procurou-se verificar as tensões subjacentes à função do pastor no exercício do ministério pastoral perante uma comunidade eclesial. A breve revisão bibliográfica e a modesta pesquisa de campo aqui apresentada apontam para uma constatação: **O pastor é um cuidador que precisa ser cuidado.** É possível que muitos pastores estejam gritando silenciosamente por ajuda, ou até mesmo pela implementação de um programa de aconselhamento pastoral voltado para

eles mesmos, que leve em conta as angústias decorrentes da tirania do próprio ofício. A inexistência de um sistema voltado para o aconselhamento de pastores parece ser o fator primordial que impede a busca de aconselhamento por parte dos dirigentes dessa denominação. Infere-se, portanto, que o pastor assembleiano não tem o hábito de procurar ajuda junto aos profissionais da área de aconselhamento, mais pela não-disponibilidade de conselheiros de pastores, que pela resistência a esse tipo de ajuda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLINS, Garry R. *Aconselhamento cristão*. Edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004

LOTUFO NETO, F. *Psiquiatria e religião: a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos*. São Paulo, 1997. Tese (livre docência) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Departamento de Psiquiatria. Disciplina de Psiquiatria.

MARTINS, José Cássio. *Psicoterapia com líderes religiosos*, 2008. In: BRUSCAGIN, Claudia [et all]. *Religiosidade e psicoterapia*. São Paulo: Roca, 2008.

OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich de. *Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a Palavra de Deus*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

OPERATION WORLD, 21st Century Edition. Cumbria, UK: Paternoster Lifestyle, 2001.

SILVA, Jetro Ferreira da. *O burnout pastoral na perspectiva da teologia prática: definições, causas e prevenção*. São Paulo, 2006. Tese (doutorado) – Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção.